

COVID-19 HISTÓRIA

Pneumónica O vírus que veio das ceifas em Badajoz

12.04.2020 às 15h36



As máscaras tornaram-se imagem de marca das pandemias desde a ‘gripe espanhola’ de 1918

Ficou conhecida como ‘gripe espanhola’, mas, na realidade, surgiu nos EUA. Gerou défices recordes nas contas públicas portuguesas

JORGE NASCIMENTO RODRIGUES

“A grande assassina”, chamou-lhe a escritora britânica Laura Spinney, que além dos milhões de mortos devido ao vírus refere a curiosidade de terem desaparecido no mundo 20 línguas porque os seus falantes minguaram.

A doença ficou conhecida como ‘gripe espanhola’ porque o primeiro caso oficialmente registado ocorreu em Madrid em maio de 1918. Os infetados passaram a chamar-lhe com ironia trágica “senhora espanhola”. No entanto, sabe-se que o doente zero foi o cozinheiro Albert Gitchell no campo militar de Funston, em Fort Riley, no Kansas, nos Estados Unidos, em março. As potências beligerantes na I Guerra Mundial, por razões táticas, escondiam a razia feita pela pneumónica.

Em Portugal, o vírus veio, de facto, de Espanha, pela raia alentejana. Foram os ceifeiros que regressavam de Badajoz e Olivença que a trouxeram e o primeiro caso foi detetado em Vila Viçosa em maio de 1918, conta-nos José Manuel Sobral, investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. O surto mais letal começaria em Gaia em

agosto desse ano. Para combater a pandemia, o médico Ricardo Jorge (que daria nome ao Instituto Ricardo Jorge tão falado na atual pandemia), considerado o ‘pai’ da saúde pública entre nós, proibiu as visitas aos hospitais e a realização de feiras e romarias. Quis acabar com os salamaleques (beijos e apertos de mão) — os “ósculos de cerimónia” — nas relações pessoais tão típicos dos portugueses.

As estimativas de mortandade da pandemia à escala mundial variam do dia para a noite e, nas mais pessimistas, aproximam-na dos números da peste negra medieval. Os cálculos tradicionais falam de 50 a 100 milhões de mortos, incomparavelmente mais do que os 20 milhões que sucumbiram nas trincheiras da I Guerra Mundial que acabaria em novembro daquele ano. Em Paris, na altura, podia ler-se em cartazes que “o boche (soldado alemão) foi vencido sim, mas a gripe não”.

Mais recentemente, Peter Spreeuwenberg e outros investigadores do Instituto holandês de Saúde em Utreque abalaram aquele consenso apontando para pouco mais de 17 milhões de falecidos com aquela gripe. Em Portugal, os óbitos variam entre os 59 mil registados oficialmente e os mais de 130 mil estimados pelo demógrafo Mário Leston Bandeira.

No rol de famosos que o vírus matou contam-se o sociólogo Max Weber, o pintor português Amadeo de Souza-Cardoso ou os chamados pastorinhos de Fátima. Na galeria dos sobreviventes surgem Walt Disney, o escritor Franz Kafka (não se sabe se ele achou kafkiano o processo da sua doença), o economista Friedrich Hayek, o ‘deus’ dos liberais, e aqui ao lado o rei espanhol Afonso XIII ou George V em Inglaterra e o imperador etíope Haile Selassie.

ECONOMIA DA PNEUMÓNICA ESTÁ POR AVALIAR

E, tal como as estimativas variam para os mortos, também para o impacto económico há cálculos bem diferentes. No caso de Portugal, José Vicente Serrão, do ISCTE, diz-nos que “a economia da pneumónica está por fazer, é um dos tópicos mais carenciados de estudos”.

O historiador refere-nos ainda que é difícil avaliar o impacto em isolado da pandemia em Portugal “quando sabemos que esse choque externo ocorreu num contexto marcado por outros fatores, como o final da I Guerra Mundial, a turbulência política, a agitação social, a hiperinflação (131% em 1918 e 42% em 1919) ou a emigração”. No Parlamento há cenas de pugilato e em dezembro de 1918 é assassinado na estação do Rossio Sidónio Pais, a quem chamavam o “presidente-rei”, que, depois de um golpe de Estado no final de 1917, instaurara uma “República Nova”, designação pomposa para uma ditadura.

Na série do historiador económico Nuno Valério aponta-se para uma quebra brutal de 27% no produto interno bruto (PIB) em 1918, enquanto no trabalho de investigação de Dina Batista, Jaime Reis (entre outros), o recuo foi, mais modesto, de 6%. No consumo das famílias portuguesas, o rombo foi de quase 13% em 1918 e 1919, um “desastre económico”, sublinham os economistas Robert Barro e José Ursúa num estudo publicado recentemente, uma caracterização que os dois economistas atribuem sempre que a contração acumulada é superior a 10%.

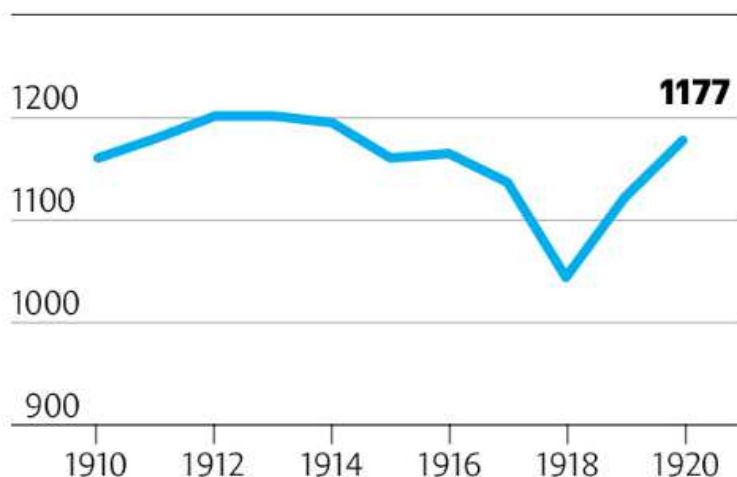
Avaliado em termos de PIB per capita, a queda foi de 8,5% em 1918, segundo a série recente de António Castro Henriques, Nuno Palma e Jaime Reis. O que compara com 20%

em França nos anos de 1917 e 1918, com 13% na Alemanha em 1918 e 1919, e com 11,5% no Reino Unido em 1919.

O impacto nas contas públicas portuguesas foi arrasador. O défice orçamental subiu para 31% do PIB em 1918 e manteve-se perto de 30% nos dois anos seguintes, segundo a série de Nuno Valério. Verdadeiros recordes históricos desde que há registo, muito acima dos 9% de 1985 ou dos 8% em 2009 e 2010.

NÍVEL DE VIDA PORTUGUÊS EM QUEDA DESDE O INÍCIO DA I GUERRA MUNDIAL

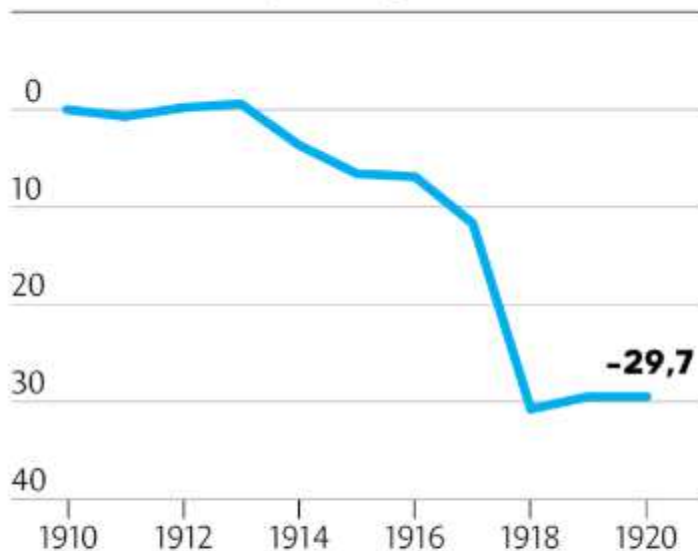
PIB *per capita* a preços constantes
(dólares internacionais GK de 1990)



FONTE: ANTÓNIO CASTRO HENRIQUES, NUNO PALMA
E JAIME REIS (2019)

DÉFICE DISPAROU EM 1918 E 1919

Saldo orçamental em percentagem do PIB



FONTE: NUNO VALÉRIO

DESPESA DO CONSUMO DAS FAMÍLIAS PER CAPITA

Valores reais em dólares internacionais de 2011

	1917	1918	1919	1920
Portugal	2167	2235	2156	2439
Alemanha	1528	1476	1775	1702
Inglaterra	3647	3616	4141	4125
França	2533	2424	2884	2996

FONTE: ROBERT BARRO (2020)